

clássicas

Editoras: Marcia Rangel Candido
e Verônica Toste Daflon

v.6, n.11, 2017 (IESP-UERJ)



ENSAIOS SOBRE A AMÉRICA LATINA

“As noivas de Satã”: misoginia e bruxaria no Brasil colonial

Por Carolina Rocha

O grito de independência das mulheres latino-americanas

Por Lília Macêdo

ENTREVISTAS

Bila Sorj

Socióloga e pioneira nos estudos de gênero no Brasil

Hebe Vessuri

Antropóloga e especialista em estudos sociais sobre a ciência na América Latina

RESENHAS E CRÍTICAS

“União Operária”, de Flora Tristán

Por Felipe da Silva Santos

“Calibã e a Bruxa”, de Silva Federici

Por Mariane Silva Reghim

AUTORAS CLÁSSICAS

Aleksandra Kollontai || Charlote Perkins Gilman || Clara Zetkin || Flora Tristán || Harriet Martineau || Harriet Taylor Mill || Mary Wollstonecraft || Nísia Floresta || Olympe de Gouges || Simone de Beauvoir || Sojourner Truth || Virgínia Woolf || e mais

TEXTOS POR

Anita Guerra || Lorena Marina dos Santos Miguel || Lolita Guerra || Luna Campos || Nicole Midori Korus || Teresa Soter || Vaneza de Azevedo

clássicas

editoras

Marcia Rangel Candido
Verônica Toste Daflon

assistente editorial

Mariane Silva Reghim

projeto gráfico

Ana Bolshaw

ilustração de capa

Sophia Pinheiro

autoras

Anita Guerra
Carolina Rocha Silva
Felipe da Silva Santos
Lília Maria Silva Macêdo
Lolita Guerra
Lorena Miguel
Luna Campos
Mariane Silva Reghim
Nicole Midori Korus
Teresa Soter Henriques
Vaneza de Azevedo

comitê editorial

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos (IESP-UERJ)
Anna Carolin Venturini, IESP/UERJ
Felipe Munhoz de Albuquerque, IESP/
UERJ
Leonardo Nóbrega da Silva, IIESP/UERJ
Marcelo Borel, IESP/UERJ
Marcia Candido, IESP/UERJ
Marina Rute Pacheco, IESP/UERJ
Mariane Silva Reghim, IESP/UERJ
Natália Leão, IESP/UERJ
Raul Nunes de Oliveira, IESP/UERJ

Cadernos de Estudos Sociais e Políticos

Dossiê especial "Clássicas", v.6, n.11, 2017.

ISSN 2238-3425

Instituto de Estudos Sociais e Políticos
(IESP)

Universidade do Estado do Rio de
Janeiro (UERJ)

Rua da Matriz 82, Rio de Janeiro - RJ

Índice

apresentação

MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 6

entrevistas

BILA SORJ: SOCIOLOGA E PIONEIRA DOS ESTUDOS DE GÊNERO
NO BRASIL
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 8

HEBE VESSURI: ANTROPÓLOGA E ESPECIALISTA EM ESTUDOS
SOCIAIS SOBRE A CIÊNCIA NA AMÉRICA LATINA
POR MARCIA RANGEL CANDIDO E VERÔNICA TOSTE DAFLON _____ 10

clássicas

HARRIET MARTINEAU: A CONTRIBUIÇÃO ESQUECIDA DA PRIMEIRA
SOCIOLOGA
LORENA MARINA DOS SANTOS MIGUEL _____ 16

ALGUMAS NOTAS DE PESQUISA SOBRE FLORA TRISTAN:
FEMINISMO, SOCIALISMO E VIAGENS
LUNA CAMPOS _____ 30

GÊNERO, RACIONALIDADE E ESCRITA EM "O PAPEL DE PAREDE
AMARELO", DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN
TERESA SOTER _____ 40

UMA BRASILEIRA ILUSTRE: NÍSIA FLORESTA E A LUTA POR LIBERDADE
E DIREITOS
VANEZA DE AZEVEDO _____ 52

artigos e ensaios

O QUE É UMA MULHER? VERSÕES E CONTRAVERSÕES DO
ESSENCIALISMO FEMININO
ANITA GUERRA _____ 58

"AS NOIVAS DE SATÃ": MISOGINIA E BRUXARIA NO BRASIL COLONIAL
CAROLINA ROCHA _____ 68

O GRITO DE INDEPENDÊNCIA DAS MULHERES LATINOAMERICANAS
LÍLIA MACÊDO _____ 80

"MÃE!" (2017) E O MITO DA MULHER ETERNA
LOLITA GUERRA _____ 90

RETOMANDO O DEBATE IGUALDADE VS. DIFERENÇA A PARTIR DE
AUTORAS CLÁSSICAS: UM ARGUMENTO INTERMEDIÁRIO
NICOLE MIDORI KORUS _____ 110

resenhas e críticas

"UNIÃO OPERÁRIA", DE FLORA TRISTÁN
FELIPE DA SILVA SANTOS _____ 124

"CALIBÃ E A BRUXA: MULHERES, CORPO E ACUMULAÇÃO PRIMITIVA",
DE SILVIA FEDERICI
MARIANE SILVA REGHIM _____ 130

Apresentação

Em 1883, nas primeiras linhas de seu ensaio clássico “A mulher como inventora” (Woman as an inventor), Matilda Joslyn Gage chamou atenção para como era comum a alegação que as mulheres não possuíam atributos intelectuais criativos e que não eram capazes de realizar contribuições originais e úteis à vida social. Ciente de que essa afirmação era usada para justificar a invisibilização e o não reconhecimento do trabalho intelectual e criativo das mulheres, Gage a confrontou com extrema perspicácia: além de resgatar grandes feitos femininos em campos como a ciência, a tecnologia, a literatura, as artes, mostrando que nada na constituição biológica das mulheres as tornava inferiores aos homens, ela também descreveu os fatores estruturais que faziam das mulheres uma parcela minoritária entre os inventores, artistas, cientistas etc de prestígio.

Para tal, mencionou aspectos como a legislação social, a subordinação feminina dentro da família e do casamento, a dificuldade de acesso à educação, entre outros. Passado pouco mais de um século da publicação desse texto, a necessidade de recuperar as reflexões e invenções das mulheres ainda persiste. Na escola, pouco se fala de cientistas e pensadoras do gênero feminino. É comum que estudantes de grandes áreas das ciências humanas concluam suas graduações, mestrados e doutorados sem

serem apresentadas(os) a nenhuma autora clássica.

Esta revista é resultado de um esforço coletivo profundamente identificado com a indignação que moveu Gage em 1883: retomar o passado, contestar o presente e modificar o futuro. No primeiro semestre do ano de 2017, o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IFCS-UFRJ) foi cenário de debates, apresentações e aprendizados na disciplina “Gênero na Teoria Social e Política Clássica”.

Nos debruçamos sobre o trabalho de autoras pouco estimadas em nossos círculos e a cada leitura nos surpreendemos com o seu pioneirismo, a engenhosidade das suas análises sobre conjunturas políticas e sociais, e sobretudo nos espantamos com a exclusão injustificável das suas contribuições do cânone da sociologia, filosofia, história, ciência política etc. Com o intuito de ir além dos limites das salas de aula e dar continuidade à difusão desses trabalhos, apresentamos nessas páginas artigos produzidos pelas(os) alunas(os) do curso, bem como colaborações de pesquisadoras convidadas. Esperamos que o contato com essas autoras clássicas provoque nas(os) leitoras(es) o mesmo prazer da descoberta e o deleite intelectual que tivemos ao estudar e

lecionar sobre elas. Agradecemos às muitas mãos que se uniram ao nosso esforço: as autoras e autores dos textos dessa coletânea, as entrevistadas, a artista Sophia Pinheiro, responsável pela ilustração que compõe a nossa capa e a designer Ana Bolshaw, idealizadora do projeto gráfico.

**Marcia Rangel Candido e
Verônica Toste Daflon**

Algumas notas de pesquisa sobre Flora Tristan: feminismo, socialismo e viagens

Luna Campos

resumo

O objetivo desse texto é refletir sobre os cruzamentos históricos entre socialismo e feminismo através do estudo da trajetória de Flora Tristan (1803-1844), cujos ativismos, vivências, diálogos, produção intelectual e experiências enquanto uma mulher viajante no século XIX permitem reler uma época atravessada por lutas e disputas em torno de novas noções do direito. Os itinerários de Flora Tristan permitem iluminar o incipiente debate que surgia na Europa nas primeiras décadas do século XIX ao redor das ideias socialistas e feministas, no qual ela viria a ter papel de destaque com a publicação de panfletos, artigos de jornais e livros, dos quais os relatos de viagem reunidos em *Peregrinações de uma pária*, de 1837, e o livro *A União Operária*, publicado em 1844, são os mais importantes para essa discussão.

palavras-chave

feminismo; socialismo; Flora Tristan;
literatura de viagem; história intelectual

A trajetória e a obra da feminista e socialista francesa Flora Tristan não escapam à tendência, criticada por historiadoras feministas há algumas décadas, de apagamento das mulheres das narrativas sobre os processos históricos dos quais foram partícipes.

A vida e o trabalho de Tristan têm, sem dúvida, sido objeto de interesse em estudos monográficos, muito embora de forma intermitente e concentrada na França e nos Estados Unidos.¹ O reconhecimento do entrelaçamento de sua vida com a história do socialismo, no entanto, não tem tido destaque nas narrativas predominantes sobre o surgimento do socialismo europeu, que dão relevo a figuras masculinas, como Owen, Fourier, Saint-Simon e Proudhon, atribuindo um papel nulo ou lateral à militância e produção intelectual de Tristan (Billington, 1980; Eley, 2002; Hobsbawn, 2000; McMillan, 2000). Guardadas as devidas proporções, o mesmo pode ser dito em relação à história

1 A literatura sobre Flora Tristan é extensa. Ainda válidas são as biografias publicadas por J. Puech (1925) e por M. Desanti (1973). Estudos mais recentes incluem S. Michaud (1985); S. Grogan (1998); M. Cross and T. Gray, (1992); M. Cross, (1988; 2004); Konder, 1994; Bloch-Dano (2001); M. Portal (2012). Para uma lista mais extensa sobre estudos especializados em Flora Tristan, ver as notas do capítulo 1 de Susan Grogan, “Flora Tristan: life stories”, 1998.

das mulheres e dos feminismos, sobretudo no que diz respeito aos marcos que enfocam suas origens e cruzamento entre classe e gênero (Bryson, 2003; Moses, 1984; Pilbeam, 2000; Scott, 1996).

Neste sentido, esse texto pretende, através da exposição de alguns itinerários de pesquisa, iluminar o engajamento de Flora Tristan no contexto pós-revolucionário francês, valendo-se do intercurso entre sua biografia, sua obra e seu engajamento político. A ideia é lançar luz sobre as raízes de suas meditações socialistas e feministas, sua crítica social contundente, seu olhar apurado para as condições de vida dos trabalhadores e das mulheres, para o “embrutecimento do povo”, para os excluídos da história (Perrot, 1988).

O processo revolucionário na França (1789-1799), que foi marcado pelo questionamento dos privilégios e das distinções sociais baseadas no status, consolidou o debate sobre a igualdade política e jurídica dos cidadãos. As temáticas da cidadania e da igualdade deram o tom dos debates políticos que se seguiram, oscilando entre o problema da igualdade x diferença e da definição de quem era cidadão, logo, merecedor de direitos e

sujeito da tal igualdade. A Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, de 1789, que inspirou movimentos revolucionários em todo o mundo, foi um símbolo das aspirações políticas da época.

O grito por igualdade, liberdade e fraternidade, no entanto, não tardou a ser questionado em sua extensão, uma vez que não incorporava as mulheres ao tão estimado lema revolucionário. Mas se, por um lado, o movimento político revolucionário excluía as mulheres, por outro, preparou o terreno que permitiu o desenvolvimento de críticas feministas baseadas na maior visibilidade que adquiriram as desigualdades. A ausência das mulheres no documento revolucionário foi logo percebida e contestada pelas intelectuais da época, com destaque para Olympe de Gouges,² que publicou a “Declaração de Direitos da Mulher e da Cidadã” em 1791, e para Mary Woolstonecraft, autora de “Reivindicação dos Direitos das Mulheres”, escrito na Inglaterra em 1792. Indo contra a corrente do senso comum e dos grandes teóricos do iluminismo francês, como Jean Jacques Rousseau e Voltaire, que eram veemente contrários à extensão de

direitos às mulheres, ambas desafiaram os próprios pilares do discurso revolucionário, conclamando uma igualdade de fato e de direito para todos e todas.

No que tange ao debate de gênero, os discursos hegemônicos no contexto francês pós-revolucionário continuavam girando em torno da suposta superioridade moral e intelectual masculina - que justificava sua posição de poder na sociedade - *versus* a inferioridade feminina, marcada pela fraqueza natural da mente e do espírito das mulheres, e que servia para justificar sua subordinação e exclusão da vida política.

Certos estudiosos descreveram como o desenvolvimento do capitalismo e a reorganização da economia no século XIX modificaram o lugar ocupado pelos trabalhadores na sociedade (Beaud, 1987). A onda de desarticulação social decorrente da industrialização na Inglaterra engendrou um renovado debate público sobre como lidar com o pauperismo e a mendicância. Grosso modo, contrapunham-se as posições paternalistas tradicionais, baseadas nos estatutos mercantilistas e no auxílio paroquial, a um reformismo racionalista e liberal, baseado nas novas ciências da economia política e da ética utilitarista (Hobsbawn, 2003). Nos interstícios desse debate, na busca por ideais de maior equidade social,

2 Olympe de Gouges será guilhotinada dois anos após a publicação da *Declaração*, e entrará para a história como a segunda mulher a ser guilhotinada pela Revolução Francesa, logo após Maria Antonieta.

as posições socialistas se colocaram como imaginação política radical, associada ao incipiente movimento operário que reivindicava boas condições de trabalho, salários justos e direito de organização independente (Billington, 1980; Eley, 2002). Os principais socialistas do período, como Saint-Simon, Fourier e Owen, nutriam uma visão considerada progressista sobre equidade de gênero, o que levou muitas mulheres a aproximarem-se desse campo político, fazendo com que o duplo engajamento socialista e feminista não tenha sido incomum à época (Cross e Gordon, 1996; McMillan, 2000; Moses, 1984).

As remissões textuais de Flora Tristan a socialistas franceses e ingleses³ não deixam dúvida sobre sua familiaridade e inserção no debate em curso nos anos 1820 e 1830, no qual ela viria a ter papel de destaque com a publicação de panfletos, artigos de jornais e livros, sendo “A União Operária”, publicado em 1843, o mais importante para essa discussão. Nesse livro-panfleto, Tristan já proclamava o princípio da autoemancipação

3 Flora Tristan teve contato com as doutrinas dos três socialistas, e conheceu pessoalmente Fourier e Owen. No entanto, apesar do diálogo com suas ideias, a escritora faz questão de declarar que não é “nem saintsimonista, nem owenista, nem fourierista” (Tristan, 2003), apontando para uma construção particular do que entendia como socialismo.

dos trabalhadores e a necessidade de uma “união universal dos operários e operárias”. Como salientou Varikas (2016:10), “o projeto da união operária é duplamente universal: por seu internacionalismo e pela inclusão das mulheres operárias, em geral esquecidas das primeiras tentativas de organização dos trabalhadores”. Sua tentativa de inserir o feminismo como tema prioritário no socialismo emergente é um dos pontos mais inovadores da produção intelectual de Tristan (Cross, 1988). Sua atuação como militante nessas duas esferas não se restringiu a reclamar direitos iguais para as mulheres no sistema político vigente, mas de atrelar essas demandas a uma profunda transformação social. Nesse sentido, a instrução e reconhecimento das mulheres como cidadãs capazes de contribuir igualmente na sociedade constituía um ponto central.

Nota biográfica

Nascida em 1803 na França, Flora Célestine Thérèse Tristán y Moscoso era filha do peruano Mariano de Tristan Moscoso, oficial do exército espanhol, e de Anne-Pierre Laisnay, uma francesa de origem humilde que havia emigrado para a Espanha fugindo da clima instável da França revolucionária. A formalização da união dos dois, realizada em

território espanhol, nunca foi comprovada. Desta maneira, apesar de a família paterna ostentar fortuna e renome em seu país natal, Flora Tristan e sua mãe passaram por grandes dificuldades financeiras após a morte de Dom Mariano. Sua infância nos arredores de Paris transcorreu em meio a uma situação financeira bem modesta. Flora aprendeu a ler e a escrever com a mãe, nunca tendo frequentado a escola. Aos 17 anos, começou a trabalhar no ateliê de litografia do pintor André Chazal, com o qual se casou em 1821, muito influenciada por sua mãe, uma viúva de parcos rendimentos. A união, que gerou 2 filhos e 1 filha, se revelou um desastre e durou cerca de três anos. Quando estava grávida de sua terceira e última filha, Aline Marie, utilizando-se da desculpa de que as crianças precisavam de ar fresco, foi para a casa da mãe e não retornou mais para a companhia do marido Chazal, que não se conformava com a separação e com o espírito livre e autônomo de Flora, passou a persegui-la incessantemente durante treze anos, e, entre as batalhas legais pela separação e a guarda das crianças, chegou ao extremo de uma tentativa de assassinato em 1838, quando disferiu dois tiros à queima roupa em sua [ex] esposa. Após a separação, Flora deixou os filhos aos cuidados da mãe e passou a trabalhar como dama de companhia de uma família inglesa, que, além de a possibilitar realizar algumas viagens para fora da França, funcionou

também como uma forma de fugir do alcance das perseguições do marido. A partir de 1825, ela realizou inúmeras viagens, para várias províncias dentro da França, para a Inglaterra (1826, 1831, 1835 e 1839) e para o Peru em 1833-4. Em sua trajetória, as viagens aparecem como momentos importantes de inflexão, sobretudo por terem fornecido a matéria para uma série de escritos até 1844, ano de sua morte.

As peregrinações da pária

A trajetória de Flora Tristan contraria, em grande medida, as versões mais difundidas sobre o surgimento das ideias socialistas, assim como sobre os papéis sociais destinados às mulheres na França pós-revolucionária. Tristan foi uma mulher vivendo sob a égide do Código Civil Napoleônico (1804), que, entre uma série de restrições às mulheres, as proibia de viajarem sozinhas para o exterior. Contudo, a escritora realizou inúmeras viagens, assim como escreveu sobre elas. Após a viagem ao Peru (1833), quando partiu para a América em busca da herança paterna, Flora publicou sua primeira brochura, “Da necessidade de acolher bem às mulheres estrangeiras” (1833), destacando a importância da união entre as mulheres. A ida ao Peru, aliás, só foi possível

pois a viajante se apresentou como solteira,⁴ sustentando com uma mentira “a falsa situação que lhe havia sido imposta pelos preconceitos da sociedade” (Tristan, 2000:53). O relato dos três meses em terras peruanas aparece em 1837 com *Peregrinações de uma pária*, que pode ser visto como um misto de diário de viagem, autobiografia e manifesto político (Varikas, 2016).

Após algumas viagens à Inglaterra (entre 1828-1831 e 1835-1840), Flora publicou “Passeios a Londres” (1840)⁵ - cidade a qual se referia como “la ville monstre” - , no qual realizou um estudo crítico da realidade inglesa, investigando as condições da vida da

4 Como o divórcio era proibido na França, ainda que vivendo separada de seu marido, André Chazal, o estado civil de Tristan permanecia o de uma mulher casada. Como é possível constatar em seus relatos de viagem, Flora Tristan foi levada a esconder essa informação em diversos contextos como uma estratégia de sobrevivência, o que implicava um autocontrole constante para não revelar sua verdadeira situação.

5 Na primeira edição de *Promenades dans Londres*, Flora Tristan recomenda aos seus leitores o livro “A vindication of the rights of women” (1792), da filósofa e feminista inglesa Mary Woolstonecraft, demonstrando sua afinidade de pensamento e lhe prestando, de certa forma, uma homenagem. A defesa da necessidade de educar as mulheres, que perpassa o livro de Wollstonecraft, também encontrará eco anos mais tarde n’ “A união Operária”.

classe operária, a prostituição e as mazelas trazidas pelo desenvolvimento acelerado do capitalismo. Perpassando a maioria dos seus escritos, o questionamento das relações sociais construídas pelas e para as mulheres da época permite indagar sobre as estratégias de sobrevivência e autonomia mobilizadas pelas mulheres num contexto em que sua circulação, tanto espacial quanto intelectual, era estrangida pelos padrões de gênero vigentes (Grogan, 1992).

Como já salientado pelos estudiosos do tema das viagens na trajetória de Tristan (Donato, 2010; Foley, 2004; Grogan, 1998; Pratt, 1999; Schlick, 2012), seus relatos, que podem ser lidos na chave de autobiografias, constituem um rico material tanto para se familiarizar com as sociedades francesa, inglesa e peruana da época, quanto para se aproximar, em primeira pessoa, do pensamento da escritora. Ao relatar suas viagens, Tristan se revela uma narradora talentosa, uma investigadora atenta e perspicaz da sociedade de seu tempo e uma sofisticada observadora da vida social.⁶ A partir de sua própria experiência enquanto filha bastarda e esposa separada,

6 Para Susan Grogan (1997:79), “Tristan’s studies of French, English, and Peruvian society can be seen not merely as works of literature, then, but as ventures into ‘social science’, as she sought to expose the ‘facts’ she observed about those societies, and the reforms which were essential”.

Tristan desenvolve uma acurada reflexão sobre a condição feminina, caracterizando as mulheres como párias, como as últimas escravas da sociedade francesa, como a proletária do proletário.

As experiências de Flora Tristan na viagem ao Peru funcionaram como um gatilho para um movimento entre a autopercepção como pária, informada por sua inadequação em uma sociedade patriarcal, e o engajamento ativo na luta operária e feminista nos anos 1830 e 1840. Para tentar apreender esse movimento, é preciso recorrer a uma história das mulheres, o que significa lidar com o problema da escassez de registros sobre suas vidas, seus hábitos, sua subjetividade (Perrot, 1995 e 2006); significa, ainda, como sugere Michelle Perrot (1995:9), “criticar a própria estrutura de um relato apresentado como universal, nas próprias palavras que o constituem, não somente para explicitar os vazios e os elos ausentes, mas para sugerir uma outra leitura possível”. Inserir as mulheres na história pressupõe, de um lado, a redefinição dos conceitos e noções tradicionais do que é historicamente importante e a inclusão de outras formas de experiência pessoal e subjetiva como relevantes para a análise histórica, assim como, de outro, uma tomada de posição política que eleva as mulheres à categoria de

“sujeitos dignos da história” (Gil Lozano; Pita; Ini, 2000).

Neste sentido, os relatos autobiográficos são um material privilegiado, uma vez que permitem acessar esferas pessoais da trajetória da autora, transpondo para o exercício de análise a premissa feminista de que o pessoal é político. Aplicar a perspectiva de gênero ao estudo da literatura de viagem tem um grande potencial analítico, pois contribui para alargar as abordagens tradicionais que universalizam as experiências de viagem sob uma ótica masculina.

Bastante conhecida em seu tempo (Cross, 1988),⁷ Tristan foi de certa maneira esquecida no final do século XIX e redescoberta no início do século XX. Depois de outro longo período de ostracismo, seus trabalhos começaram a chamar a atenção de estudiosos fora do contexto francês (Doris e Beik, 1993). No Brasil, no entanto, apesar da constatação da circulação de suas ideias, o estudo de sua vida e obra é praticamente nulo, o que dificulta às/aos leitoras(es) brasileiras(os) o

7 O livro “A União Operária, lançado em 1843, já contava em 1844 com duas edições, sendo a segunda tiragem de 10 mil exemplares. Ver: Varikas, 2016.

acesso e familiarização com suas reflexões⁸, nos obrigando a recorrer à bibliografia secundária produzida majoritariamente em inglês e francês.

Embora em um primeiro momento a ausência de estudos e referências a Flora Tristan possa parecer desanimadora, podemos utilizar essa escassez como convite e estímulo para a pesquisa e divulgação sobre suas contribuições. Flora Tristan foi uma figura marcante do século XIX, pois reuniu em sua trajetória biográfica a original interação entre feminismo, socialismo e experiências de viagens, aspectos que, combinados, fornecem novos elementos para olhar e compreender toda a efervescência política do contexto francês pós-revolucionário, além de iluminar a reflexão contemporânea sobre feminismo.

8 Uma busca preliminar na base de dados da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, na seção de jornais e revistas, nos permite encontrar referências à Flora Tristan desde 1841. Ainda que as menções à autora e sua obra sejam escassas e intermitentes, nos permitem constatar que seus escritos circularam no Brasil. Não se sabe qual a extensão do interesse por sua obra em solo brasileiro, no entanto, ainda hoje existem pouquíssimas análises e mesmo traduções de sua obra. A principal referência nacional é uma curta, porém essencial, biografia escrita por Leandro Konder. Ver: KONDER, *Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

Luna Campos é Mestra em Sociologia e Antropologia pelo PPGSA/UFRJ e doutoranda em Ciências Sociais na UNICAMP.
contato: lunaribeirocampos@gmail.com

Referências bibliográficas

- BILLINGTON, James. *Fire in the minds of men*. New York: Basic Books, 1980.
- BRYSON, Valerie. *Feminist Political Theory - An Introduction*. Palgrave Macmillan, 2003.
- CROSS, Máire Fedelma. *The relationship between feminism and socialism in the life and work of Flora Tristan (1803-1844)*. Thesis submitted to the Department of French for the degree of ph.d., 1988.
- _____. *The Letter in Flora Tristan's Politics, 1835-1844*. Palgrave Macmillan, 2004.
- _____; GORDON, Felicia. *Early French Feminisms, 1830-1940. A Passion for Liberty*. Cheltenham, UK: Edward Elgar, 1996.
- _____; GRAY, T. *The Feminism of Flora Tristan* (Oxford, Berg, 1992). Cheltenham, UK, Brookfield, US, Edward Elgar, 1996.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- DESANTI, Dominique. *Flora Tristan. Oeuvres et vie mêlées*. Paris: Union Générale d'éditions, Collection 1018, 1973.
- DONATO, Clorinda. *Las peregrinaciones de dos peruanas: viajes, género y sexualidad en las cruzadas trasatlánticas de Zilia de Madame Graffigny y de Flora Tristán*. *Revista de Humanidades: Tecnológico de Monterrey*, núm. 27-28, pp. 37-60, octubre, 2010.
- DORIS&BEIK. *Flora Tristan: Utopian Feminist: Her Travel Diaries and Personal Crusade*. Indiana University Press, 1993.
- FOLEY, Susan. *In search of 'liberty': politics and women's rights in the travel narratives of Flora Tristan and Suzanne Voilquin*. *Women's History Review*, 13:2, 211-231, 2004.
- GROGAN, Susan K. *Flora Tristan: Life Stories*. London: Routledge, 1998.
- HOBSBAWM, Eric. *Da revolução industrial inglesa ao imperialismo*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2003.
- _____. *Mundos do trabalho*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- KONDER, Leandro. *Flora Tristan: uma vida de mulher, uma paixão socialista*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.
- GIL LOZANO, Fernanda; PITA, Valeria Silvina e INI, María Gabriela (dir.) *Historia de las mujeres en la Argentina. Tomo I - Colonia y siglo XIX*. Buenos Aires: Taurus, 2000.

McMILLAN, James. *France and Women, 1789-1914: Gender, Society and Politics*. New York: Routledge, 2000.

MICHAUD, Stéphane (ed.) *Un fabuleux destin: Flora Tristan*. Dijon, Editions Universitaires de Dijon, 1985.

MOSES, Claire Goldenberg. *French feminism in the 19th century*. State University of New York Press, 1984.

PERROT, Michelle. *Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência*. Cadernos Pagu (4) 1995: pp. 9-28.

_____. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PIERINI, Margarita. "La mirada y el discurso: la literatura de viajes". In: *América Latina: palavra, literatura e cultura*. Ana Pizarro (org.). São Paulo: Memorial; Campinas: Unicamp, 1994, p. 163-178.

PILBEAM, Pamela. *French Socialists Before Marx: Workers, Women and the Social Question in France*. McGill-Queen's University Press, 2000.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Estudos de Gênero e História Estudos de Gênero e História Social*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, 17(1): 296, janeiro-abril/2009.

PUECH, Jules-L. *La Vie et l'Oeuvre de Flora Tristan*, Paris, Marcel Rivière, 1925

SCHLICK, Yael. *Feminism and the Politics of Travel After the Enlightenment*. Bucknell University Press, 2012.

SCOTT, Joan. *Only Paradoxes to Offer: French feminists and the rights of man*. Harvard University Press, 1996.

TILLY, Louise A. *Gênero, história das mulheres e história social*. Cadernos Pagu (3) 1994: pp. 29-62.

TRISTAN, Flora. [1837] *Peregrinações de uma pária*. Tradução Maria Nilda Pessoa, Paula Berinson. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

_____. [1844] *A união operária*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

_____. *Paseos en Londres*. Biblioteca Virtual Universal, 2003. (acesso em 16/08/17: <http://www.biblioteca.org.ar/libros/89975.pdf>)

VARIKAS, Eleni. *A escória do mundo: as figuras do pária*. São Paulo: Unesp, 2014.

_____. *Prefácio*. In: "A união operária". Rio de Janeiro: Editora Fundação Perseu Abramo, 2016.

AS EDITORAS:**Marcia Rangel Candido**

Doutoranda em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IESP-Uerj), pesquisadora associada do Grupo de Estudos Multidisciplinares da Ação Afirmativa (GEMAA) e do Laboratório de Estudos de Mídia e Esfera Pública (LEMEP).

contato: marciarangelcandido@gmail.com

Veronica Toste Daflon

Doutora em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj) e mestre em Sociologia pelo IUPERJ. É bolsista de pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA, IFCS-UFRJ). Atua como pesquisadora associada do Núcleo de Estudos de Sexualidade e Gênero (NESEG, IFCS-UFRJ) e do Global Race Project

contato: veronicatoste@gmail.com

ASSISTENTE EDITORIAL:**Mariane Silva Reghim**

Doutoranda em Sociologia pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos (IESP-Uerj). É pesquisadora do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina (NETSAL). contato: marianesreghim@gmail.com

ARTISTAS GRÁFICAS:**Ana Bolshaw**

Mestranda em Design na PUC-Rio, em que pesquisa identidade visual de cidades. É graduada em Comunicação Social com habilitação em Cinema na mesma instituição.

contato: anabolshaw@gmail.com

www.anabolshaw.com

Sophia Pinheiro

Mestre em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade Federal de Goiás (PPGAS/UFG). É graduada em Artes Visuais e bacharel em Design Gráfico pela mesma universidade. Atua como pensadora visual, interessada nas poéticas e políticas visuais, gênero, processos de criação, na antropologia e/da arte, culturas e representações das imagens.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3686998218403865>

**sobre a capa:**

Para essa primeira publicação, o conceito da capa para Clássicas foi o de desabrochar uma semente, assim como o livro é.

Uma semente que vai germinar e florir para xs leitorxs e também para as futuras edições da coleção com mais mulheres teóricas.

Assim como nos ensina Cora Coralina: “eu sou aquela mulher que fez a escalada da montanha da vida, removendo pedras e plantando flores”.

As mulheres que estão aqui rompem as sementes. Que as ideias cresçam e floresçam nesse mundo cada vez mais temeroso.

acompanhe no youtube o **Sobre Elas** (www.youtube.com/sobreelas), dirigido por Emy Lobo, o canal veicula inúmeras entrevistas com mulheres, além de apresentar uma série de curtas com pesquisadoras sobre autoras clássicas.

